

A Carta da Terra
nos contos de Oikodoro
(contos para crianças)

de Patricia Morales

*tradução de Maria Beatris M. Mauad Leis
revisão de Maria Cláudia M. Mauad Ferreira*

A Carta da Terra nos contos de Oikodoro

Patricia Morales

A *Carta da Terra* começa assim: Todos nós estamos muito preocupados porque a Terra e todas as pessoas que viverão no futuro estão em perigo. Por isso, juntos, nos comprometemos seriamente a cuidar da natureza e a respeitar a todos os seres humanos, os animais e as plantas. Para isso pronunciamos estes princípios da Carta da Terra, que nos guiarão para atuar da melhor maneira possível.

*** As origens da Carta da Terra**

I. NOSSOS FUNDAMENTOS

Princípio 1: Vamos respeitar a Terra e todas as formas de vida, pois elas têm em si mesmas seu valor. Vamos afirmar, com todas as nossas forças, a dignidade que todos os seres humanos e duendes têm em si mesmos e a importância de tudo o que juntos realizaremos como pensadores, artistas e pessoas de bom coração.

1. Os presentes de Oikodoro

Princípio 2: Vamos cuidar de toda a comunidade da vida. Vamos usar para isso entendimento, compaixão e amor. A liberdade, o conhecimento e o poder que tenhamos não nos devem afastar desta tarefa.

2. O cuidado da planta

Princípio 3: Vamos construir sociedades democráticas nas quais reinem a justiça e a paz, e nas quais todos nós participemos, cuidando também de não danificar a Terra para o futuro. Os direitos humanos e a liberdade de todos nos guiarão para isso.

3. Os blocos coloridos

Princípio 4: Vamos garantir que a Terra se mantenha bela e magnífica, tanto para nós, como para todos que viverão no futuro. Protegendo nossos ideais e culturas, formularemos em seguida princípios mais específicos.

4. A solidariedade das árvores

II. A TERRA É COMO UMA CASA QUE DEVEMOS RESPEITAR E CUIDAR

Princípio 5: Vamos proteger e restaurar a integridade da Terra. A sabedoria da natureza consiste em todas suas maravilhosas variações e em seu sistema para proteger a vida. Por isso cometemos um erro quando não respeitamos ou abusamos de sua sabedoria.

5. O caleidoscópio da natureza

Princípio 6: Devemos, portanto, prevenir - de todas as maneiras possíveis - o dano à natureza, sobretudo, devemos ser muito cautelosos quando não sabemos o suficiente.

6. A queda do edifício

Princípio 7: Devemos nos controlar ao produzir, consumir e reproduzir, pois de outro modo, estaremos maltratando a Terra que ficará esgotada. Vamos, desta maneira, encontrar boas soluções para problemas de como reduzir o lixo e produzir energia, assim alcançaremos uma forma de vida adequada para o meio ambiente, que pertence a todos.

7. A venda da Terra

Princípio 8: Vamos progredir no estudo da sustentabilidade ecológica e compartilhar generosamente o conhecimento adquirido, sobretudo, com os que mais o necessitem.

8. O laboratório das flores

III. VAMOS TODOS VIVER COM JUSTIÇA, REPARTINDO DA MELHOR MANEIRA O QUE TEMOS

Princípio 9: Nós nos comprometemos a socorrer os pobres, para que deixem de ser pobres. E para isso, os ajudaremos a usufruir de água potável, ar limpo, comida, moradia, assim como também de escolas e outras instituições. Auxiliaremos também todos os que sofrem, para que alcancem sua felicidade.

9. O concerto do parque

Princípio 10: Vamos garantir que todos os negócios sejam feitos com justiça, honestidade e correção. Particularmente, deve-se levar muito em consideração o meio ambiente, a proteção dos trabalhadores e o futuro da Terra. Também ajudaremos as comunidades mais pobres e endividadas.

10. A árvore, os vendedores e as crianças

Princípio 11: Vamos tornar realidade que os homens e as mulheres sejam tratados como iguais, pois sabemos que nenhum dos dois é melhor ou pior que o outro. Muitas vezes, as mulheres e as meninas são maltratadas. Devemos nos comprometer para que elas desfrutem de todos os direitos, como ir à escola, ser artistas ou governantes. Vamos proclamar que o amor seja o centro de todas as famílias.

11. A igualdade das duendas

Princípio 12: Vamos respeitar a todos igualmente, sem que ninguém seja maltratado. Somos todos diferentes, por nossa própria identidade de cor, nossa língua, religião ou maneira de pensar, mas todos nós merecemos idêntico respeito. Por isso, também ajudaremos que se respeitem os povos indígenas e as minorias. Confiaremos nos jovens, os quais apoiaremos a alcançar um futuro melhor.

12. Os duendes diferentes e os animais

IV. VAMOS VIVER COM DEMOCRACIA, SEM USAR VIOLÊNCIA E EM PAZ

Princípio 13: Vamos procurar que nossas decisões sejam participativas, honestas, responsáveis e sempre justas. Para isso, dialogaremos livremente, buscaremos as melhores soluções e cuidaremos de todos e de cada um, desde o menor até o maior.

13. A pedra da concórdia

Princípio 14: Nós nos educaremos, ao longo de nossas vidas, para cuidar da Terra e de seu futuro com os nossos conhecimentos, valores e capacidades. Particularmente, para as crianças e os jovens, as portas do saber estarão bem abertas. As artes, as letras, as ciências e os meios de comunicação contribuirão para que todos nós vivamos corretamente.

14. O lápis maravilhoso

Princípio 15: Vamos tratar todos os seres vivos com respeito e consideração. Para isso, não seremos cruéis com os animais, evitando seu sofrimento.

15. A ponte de estrelas

Princípio 16: Vamos viver com tolerância, sem violência e em paz. Vamos nos tratar com entrosamento, solidariedade e cooperação, tanto dentro de nossa comunidade, como fora dela. Para isso, vamos condenar a violência e a guerra, e promover o desarmamento. Assim a paz chegará até as estrelas e viveremos em harmonia conosco, os demais e a Terra, à qual pertencemos.

16. O duelo sobre a lua

VAMOS AVANÇAR JUNTOS:

Todos juntos nos comprometemos, do fundo de nossos corações, a tornar realidade estes princípios em todas as nossas atividades. Vamos honrar e festejar com alegria o presente da vida.

***. A amizade de Oikodoro e Kosmodoro**

A Carta da Terra nos contos de Oikodoro

Oikodoro é um duende muito sábio que vive no bosque e por sua bondade é muito querido por todas as crianças e adultos. Oikodoro nos mostra como nós também podemos cuidar da Terra e de todos os seus habitantes. E para isso vai narrar através de contos a Carta da Terra, que é um pequeno livro sobre como cuidar melhor da Terra e de todos seus habitantes.

A Carta da Terra começa assim:

Todos nós estamos muito preocupados porque a Terra e todas as pessoas que viverão no futuro estão em perigo. Por isso, juntos, nos comprometemos seriamente em cuidar da natureza e a respeitar a todos os seres humanos, os animais e as plantas. Para isso, divulgamos estes princípios da Carta da Terra que nos guiarão para agir da melhor maneira possível.

As origens da Carta da Terra

Faz algum tempo, quando os duendes encontraram sua morada no bosque, um duende muito sábio colocou ali, como pedra fundamental, uma pequena pirâmide triangular, de mármore branco, com uma pedra de cada lado: uma esmeralda, um topázio e um rubi. Esta pirâmide orientaria a comunidade dos duendes em direção ao futuro. Antes de partir lhes entregou também uma caneta-tinteiro e um grande papiro. Aquele sábio duende disse que os elementos da pirâmide se transformariam em substâncias fluidas que guiarão a vida dos duendes e se despediu para ir ajudar outros duendes a encontrar um lar.

“Mas o que significava aquela mensagem?” - perguntavam-se os duendes. Eles estudaram a pedra para transformá-la em líquido: primeiro a esquentaram e depois a submergiram em água. Porém, nada acontecia. Apenas reluzia mais e mais, e quando recebia a luz do sol, irradiava cores maravilhosas. Primeiro o reflexo branco da ponta da pirâmide, mais tarde o verde, depois o amarelo

encaramelado e por último o vermelho profundo. Como os reflexos brilhavam ao redor de toda a região que os abastecia de alimentos, começaram a pensar de que maneiras podiam transformar a pedra em líquido. E foi assim que descobriram que o sol iluminava, ao amanhecer, o branco da pirâmide que escorria no leite, que generosamente alimentava e cuidava de tantos animais e pessoas. O verde era o nutriente das plantas e das árvores, que ao meio-dia oferecia uma fresca sombra e percorria a natureza sem pausa nem pressa. O topázio era refletido na cor do mel que as sábias abelhas, sem descanso, produziam das flores. E por último, o vermelho profundo deslizava no suco de uvas que os camponeses colhiam ao entardecer.

Foi assim que eles compreenderam a mensagem do sábio duende: “Vamos encher a caneta-tinteiro com a tinta das pedras e escrever uma Carta da Terra, para orientar nossos costumes e cuidar da Terra”. Ao amanhecer, quando o papiro ainda estava escuro, escreveram com o branco do leite os princípios básicos de cuidado e respeito para com todas as partes da Terra, que como na pedra branca, estruturam a pirâmide. Depois escreveram com sálvia a responsabilidade que teriam em proteger a natureza. Encheram depois a caneta tinteiro com mel e ali escreveram seu compromisso por um mundo justo e organizado, pelo qual trabalhariam. Por último, atingiram o ponto mais alto da carta com uma emocionada mensagem de paz e amizade, que escreveram com um delicioso suco de uvas. Os cachos de uva foram tantos que os duendes puderam, também, alegremente comemorar o que ali haviam escrito. Desta forma, a Carta da Terra tem quatro partes, e para os duendes, tem também quatro cores e quatro pedras que se transformaram em líquido.

I- NOSSOS FUNDAMENTOS

Princípio 1: Vamos respeitar a Terra e todas as formas de vida, pois elas têm em si mesmas seu valor. Vamos afirmar, com todas as nossas forças, a dignidade que todos os seres humanos e duendes têm em si mesmos e a importância de tudo o que juntos realizaremos como pensadores, artistas e pessoas de bom coração.

Os presentes de Oikodoro

Como todos os duendes, Oikodoro está muito ligado à Terra. Mas como desde quando ele era criança, estava tão dedicado a encher de cuidados a Terra, os seres humanos, os animais e as plantas, os demais duendes o quiseram chamar de Oikodoro, que vem do grego e significa “o que dá presentes à casa, a Terra”, pois os duendes crêem que o cuidado é o melhor presente que se pode dar para a Terra, que é a casa de todos e também dos duendes. Se o pronunciamos Oikodoro significa “o que recebe presentes da Terra”, o que também é verdade, pois toda a natureza é um maravilhoso presente para todos.

Oikodoro é também muito famoso pelos presentes que costuma dar às crianças. Para isso, enche uma sacola muito original. Mas uma vez alguém pegou sua sacola de presentes e desapareceu com ela. Sem encontrar rastro algum, Oikodoro resolveu contar o que aconteceu às crianças. Com muita ternura as crianças consolaram Oikodoro. Ele resolveu presentear-lhes com sua lupa e seu telescópio, que ele mesmo havia construído. Estes instrumentos eram muito importantes para suas travessias, pois com o telescópio observava o curso das estrelas e se deixava guiar por elas, e com a lupa estudava os rastros no bosque e a composição da água. Estes dois presentes foram muito festejados pelas crianças. Oikodoro lhes contou que o próprio mundo é um presente e que ele está cheio de muitos outros presentes ainda por descobrir: com a lupa um mundo desconhecido chega a nossa visão, e com o telescópio se aproximam de nós o mundo das estrelas e dos planetas, e o nosso lugar no universo. Com eles junto a

nossos olhos podemos contemplar o universo. Isso também significa que devemos proteger a natureza e a humanidade quando elas não são respeitadas, desde suas pequenas até suas imensas maravilhas.

As crianças deliciavam-se com esses presentes tão valiosos, quando uma delas olhou pelo telescópio em direção a uma montanha próxima a cidade. E quem apareceu na lente, senão o ladrão da sacola com os presentes? Com a lupa, as crianças foram seguindo as pegadas, que subiam pela montanha. O homem, envergonhado, pediu desculpas a todos por seu ato, e explicou que o mundo lhe parecia chato, um lugar onde não havia nada por descobrir ou por realizar, e que sua última esperança eram os brinquedos de Oikodoro. As crianças haviam aprendido a lição do duende: o mundo está cheio de presentes para quem sabe descobri-los, e todos nós devemos oferecer nossa proteção à natureza. Todos os presentes foram devolvidos a Oikodoro, que os repartiu entre as crianças. Elas quiseram devolver a lupa e o telescópio, mas ele achou tão bonita a maneira como os materiais necessários para construí-los tinham sido encontrados no parque da cidade, que preferiu deixá-los ali, não sem antes dar ao homem travesso a tarefa de limpar e cuidar dos instrumentos. Ele teria, assim, a oportunidade de descobrir o mundo das coisas pequenas e das coisas grandes através daqueles presentes e de seus próprios olhos, e de encontrar seu lugar no universo como ser humano e o respeito à dignidade das pessoas.

Princípio 2: Vamos cuidar de toda a comunidade da vida. Vamos usar para isso entendimento, compaixão e amor. A liberdade, o conhecimento e o poder que tenhamos não nos devem afastar desta tarefa.

O cuidado da planta

Para o aniversário da cidade as crianças foram convidadas a enfeitar as ruas. Uma das crianças encontrou uma planta muito bonita e exótica no bosque que seria um bom enfeite para a cidade. Quando a criança disse a Oikodoro que levaria a planta ao concurso, o duende tentou fazê-la desistir, explicando-lhe que essa espécie era a única existente no bosque e poucas ainda existiam no planeta. Porém, a criança fez um buraco na terra e levou a planta. Oikodoro pediu-lhe, então, que a protegesse muito do sol e a regasse todos os dias. A criança prometeu fazê-lo. Mas, em pouco tempo se esqueceu de cuidar da planta e por causa do calor e da secura a planta murchou e morreu.

No dia do aniversário da cidade a criança não teve nada que comemorar e desolada foi contar o acontecido ao duende. Oikodoro estava muito bravo. A criança lhe deu a única coisa que lhe havia restado da planta: uma semente. Oikodoro viu que a semente era boa e lhe indicou todos os cuidados que deveria ter para que a planta vivesse. No ano seguinte, quando novamente chegou o aniversário da cidade, a criança levou a planta que havia cuidado, dando-lhe água e protegendo-a do sol todos os dias. A planta tinha muitas flores bonitas, que nem Oikodoro havia visto no bosque. A criança foi condecorada tanto pela beleza da planta, como pelo cuidado que havia lhe dado. Por fim, todos foram ao bosque com Oikodoro, pois a criança havia prometido colocar a planta de volta no bosque, na mesma cova que, tempos atrás, ela própria havia feito.

Princípio 3: Vamos construir sociedades democráticas nas quais reinem a justiça e a paz, e nas quais todos nós participemos, cuidando também de não danificar a Terra para o futuro. Os direitos humanos e a liberdade de todos nos guiarão para isso.

Os blocos coloridos

Certa vez Oikodoro deu às crianças da cidade um grande brinquedo de montar. Eram uns blocos vermelhos, amarelos, verdes, laranjas, turquesas, roxos e azuis que podiam ser empilhados para fazer construções.

As crianças quiseram montar a melhor e mais bonita torre para surpreender Oikodoro. Em pouco tempo houve muitas brigas, pois uns queriam usar cores que não fossem nem tão claras nem tão escuras; outros queriam esconder os blocos grandes, que eram os azuis e os verdes, e por último outros queriam usar somente as peças vermelhas, amarelas e azuis, mas não as restantes, pois não eram cores primárias.

Primeiro experimentaram montar sem os blocos azuis, pois eram muito escuros e sem os amarelos, pois eram demasiadamente claros. A torre que montaram com os blocos restantes era pequena e ninguém ficou satisfeito.

Depois decidiram que seria melhor utilizar os blocos azuis, pois eram os maiores, mas ocultando-os para sustentar toda a construção junto com os verdes, que também eram grandes. Mas a construção ficou tão desequilibrada que a torre caiu em pouco tempo.

Por último experimentaram colocar só as peças vermelhas, azuis e amarelas, mas elas eram tão diferentes que não encaixavam bem e não chegaram sequer a montar a torre.

Quando Oikodoro foi visitá-los imaginou que encontraria uma bela torre, mas em lugar disso, só estava a caixa vazia e as peças espalhadas pelo chão. "O que aconteceu?" - perguntou Oikodoro.

As crianças lhe explicaram que aqueles blocos não eram bons, pois ou formavam uma torre muito pequena, ou pouco equilibrada, ou nem sequer conseguiam montá-la. Oikodoro já não estava tão surpreso com o que havia acontecido, e pediu às crianças que se sentassem junto a ele para construir a grande torre. Primeiro, disse Oikodoro, convém arrumar as peças e observar sua forma, mais que sua cor. As cores lhe darão beleza, mas a construção se baseará nas formas. Oikodoro pegou as peças mais sólidas e maiores para a base, e assim foi crescendo a torre, até formar toda ela um grande arco-íris de madeira. Oikodoro lhes mostrou que absolutamente todas as peças eram necessárias e também todas as cores, pois elas sustentavam a dispersão da luz e refletiam a sabedoria do universo.

Oikodoro lhes explicou que todos os blocos deviam participar da construção, da melhor e mais equilibrada maneira possível, respeitando as próprias formas e sem utilizar critérios estranhos, que só prejudicariam a grande obra prima.

Princípio 4: Vamos garantir que a Terra se mantenha bela e magnífica, tanto para nós, como para todos que viverão no futuro. Protegendo nossos ideais e culturas, formularemos em seguida princípios mais específicos.

A solidariedade das árvores

Certa vez, ao chegar a primavera, a grande árvore do bosque não tinha quase folhas. Após um inverno muito rigoroso - no qual as crianças quase não brincaram no bosque - elas voltaram a fazer brincadeiras ao redor da árvore, ainda sem flores. A árvore, que sempre ajuda as aves migratórias no outono, também não pôde comunicar-se com elas.

“O que aconteceu com a árvore?” “Quem poderá ajudá-la a florescer?” - as crianças perguntaram a Oikodoro. Elas corriam e os pássaros voavam de copa em copa de árvore, em busca de uma resposta.

Oikodoro convidou as crianças a visitar as árvores do parque que estavam muito floridas e procurar ali uma solução. “No parque também há uma grande árvore, cuja frondosa sombra passeia da manhã até à tarde, dando frescor a toda cidade”.

“A grande árvore do bosque não floresceu.” - contaram as crianças entristecidas, para a grande árvore do parque. Esta as escutou e lembrou-se de uma época de frio intenso:

“Uma vez houve um inverno muito frio, no qual as crianças não visitaram o parque. Os brinquedos ficavam vazios e pelo parque poucas pessoas passeavam. Ao chegar a primavera eu não floresci porque havia ficado muito sozinha durante o inverno e acabei ficando fraca. As crianças cantavam e dançavam, mas eu pouco as via ou escutava. Até que uma das crianças encontrou a solução”.
“*Talvez a gente não entenda a linguagem das árvores. Vamos procurar alguma outra árvore que possa falar com ela*”, - “sugeri a criança”. “As crianças caminharam todo o dia em busca de uma árvore florida, e chegaram até o bosque. Naquela ocasião, a grande árvore do bosque estava muito florida. As

crianças haviam construído sobre a árvore do bosque ninhos para os pássaros e uma casinha para outros animais, pois nem todos haviam podido viajar por causa do frio tão intenso. Durante aquele inverno a grande árvore havia se esforçado muito para manter seus ramos e folhas, a fim de proteger os animais. Tão grande foi sua força, que na primavera suas folhas e flores eram tão grandes, quanto bonitas. Então, a árvore do bosque sacudiu seus ramos e encheu de folhas e flores as mãos das crianças e as asas dos pássaros". *"Se vocês levarem rapidamente estas folhas e flores à grande árvore do parque e também minha amizade, ela florescerá"* - "disse a árvore do bosque, carinhosamente".

Oikodoro explicou às crianças que as árvores não se movem, mas que têm entre si uma profunda amizade, e são as crianças que podem ajudá-las a se comunicar. Desta vez foi a grande árvore do parque que cobriu com suas belas folhas e flores as mãos das crianças e as asas dos pássaros, que as levaram com muito cuidado à grande árvore do bosque. A árvore do bosque recebeu emocionada as folhas, as flores e a mensagem de amizade da árvore do parque. As crianças subiram em seus galhos e os encheram de folhas e flores, e a grande árvore do bosque floresceu como o fazia todas as primaveras. Com o sol e a luz do verão as crianças brincaram muito junto às árvores. As crianças souberam do afeto existente entre as árvores, e quando estavam juntas, formavam uma ampla roda desde o bosque até o parque para unir as grandes amigas.

II. A TERRA É COMO UMA CASA QUE DEVEMOS RESPEITAR E CUIDAR

Princípio 5: Vamos proteger e restaurar a integridade da Terra. A sabedoria da natureza consiste em todas suas maravilhosas variações e em seu sistema para proteger a vida. Por isso cometemos um erro quando não respeitamos ou abusamos de sua sabedoria.

O caleidoscópio da natureza

Oikodoro não apenas dá presentes, mas também recebeu presentes muito valiosos e originais de muitas regiões da terra. Um dia mostrou às crianças seu presente mais querido: o caleidoscópio. Este instrumento mostra em uma variação infinita a sabedoria da natureza, e ajuda a orientá-lo em direção ao futuro com idéias e sonhos para um mundo melhor.

Uma vez Oikodoro esteve muito doente, pois havia comido muito, e com uma febre muito alta, teve grandes pesadelos. Em seu sonho ruim o espelho mágico que contém o caleidoscópio, se agitava até quebrar-se em pedaços. Dali pequenos homenzinhos, animaizinhos e outros seres vivos saiam feridos e se perdiam entre os vidros. Oikodoro havia despertado inconsolável e foi olhar seu caleidoscópio que, inalterado, guardava o segredo da natureza e suas idéias para um mundo melhor.

No dia seguinte, amanheceu já sem febre e se dedicou a imaginar as ações que ajudariam a cuidar das diferentes formas de vida e do futuro dos seres humanos e da Terra.

Princípio 6: Devemos, portanto, prevenir - de todas as maneiras possíveis - o dano à natureza, sobretudo, devemos ser muito cautelosos quando não sabemos o suficiente.

A queda do edifício

Uma vez, uma das crianças quis construir um edifício de tijolos e pedaços de madeira. A obra começou a crescer e crescer e chegou a ser, por acaso, o edifício mais alto de toda cidade. A criança estava muito contente com essa obra de arte e a ofereceu para a cidade. Mas ninguém estava de acordo ainda. Todos exigiam que o edifício fosse mais alto ainda. A criança estava totalmente cansada e angustiada. Durante a noite se aproximaram dois bandidos para continuar a construção com madeira e tijolo. Mas a obra despencou sobre as casas vizinhas e sobre as árvores do bosque, causando muito estrago. O prédio já não existia mais! Oikodoro acordou com todo aquele barulho, e foi ajudar a socorrer os que necessitavam imediatamente. Os habitantes da cidade começaram a brigar, pois uns queriam o prédio outra vez e outros queriam que nada se construísse no lugar, evitando mais confusão. A criança estava triste pelo acontecido, mas também aliviada por ter fim aquela tarefa tão impossível quanto inútil. Finalmente, a criança e Oikodoro propuseram restaurar o estrago causado às casas e ao bosque, pois tanto trabalho desmedido havia mostrado que aprender os limites próprios e respeitar os dos demais é o único caminho para a felicidade.

Princípio 7: Devemos nos controlar ao produzir, consumir e reproduzir, pois de outro modo, estaremos maltratando a Terra, que ficará esgotada. Vamos, desta maneira, encontrar boas soluções para problemas de como reduzir o lixo e produzir energia, assim alcançaremos uma forma de vida adequada para o meio ambiente, que pertence a todos.

A venda da Terra

Conta Oikodoro que uma vez um grande homem de negócios, muito respeitado e temido, decidiu realizar seu grande negócio. E para isso gastaria toda sua riqueza. Ele decidiu colocar a venda a Terra. Grandes propagandas que voavam no céu propunham o grande negócio. Como ninguém até o momento reclamou a Terra como sua, refletiu, e talvez alguém a quisesse comprar...

Os outros homens de negócios e as pessoas comuns, preocupados, o observavam. E logo três gigantes monstruosos chegaram do fundo do Universo até a Terra e se aproximaram do homem de negócios:

- Se a Terra está à venda, nós desejamos comprá-la.

O homem de negócios sentiu respeito e temor pelos gigantes e lhes perguntou:

- O que receberei em troca, porque a Terra tem muito valor?

- Nós pagaremos o melhor preço, com a melhor moeda estrelar.

- E o que posso comprar com esse dinheiro? Perguntou o homem de negócios.

- Bem, uma grande estrela ou um meteorito, disseram os gigantes.

- Ser dono de uma estrela! Nunca antes fui dono de uma estrela!

- Por exemplo, essa estrela vermelha é muito grande e te podemos vendê-la a um bom preço... Disseram os gigantes.

- Sim, eu a compro! Trato feito! Exclamou o homem de negócios.

E assim o homem de negócios voltou a sua casa, havendo vendido a Terra e comprado uma estrela. Ele contou a seu filho seu grande negócio e mostrou os

mapas onde se encontraria a estrela e como chegar a ela. Mas o menino se mostrou desconsolado.

- Para que você quer uma estrela? E como você se atreveu a vender a Terra, se não era sua? Perguntou o menino.

- Mas também não era de ninguém, respondeu o pai.

Os outros homens de negócios estavam muito bravos pelo negócio.

Os três gigantes voltaram logo à Terra para cumprir o contrato, e disseram:

- Temos observado a situação de nossa Terra e consideramos que vocês, os humanos, a estão prejudicando muito. Assim, decidimos que vocês devem abandoná-la.

A decisão dos gigantes foi terrível para quase todos. Menos para o homem de negócios, que ofereceria a estrela como morada para os seres humanos.

Serei o rei da estrela, pensou com satisfação.

- Mas como iremos para lá? Perguntaram os outros homens de negócios. Então o homem de negócios se dispôs a pagar umas naves aos gigantes para transportar os humanos.

Em toda Terra, se viam longas filas de humanos com rostos muito entristecidos, malas repletas, olhando em direção à Terra e esperando as naves. A fila estava encabeçada pelo homem de negócios, que começava a inquietar-se, e seu filho que abraçava um pequeno urso de pelúcia.

- Por favor, você pode desfazer o trato? Pediu o menino a seu pai.

- Mas já é demasiadamente tarde, além disso, já gastei o dinheiro com a estrela e com as naves. Negócios são negócios. E os gigantes já estão impacientes, respondeu.

- Então falarei eu, exclamou o menino a seu pai.

O menino começou a falar:

- Caros gigantes, eu creio que a Terra jamais nos pertenceu. Por outro lado, nós sim pertencemos à Terra. Por favor, podemos desfazer o trato?

Os gigantes não estavam surpresos na realidade. Eles sabiam que os humanos não sobreviveriam fora da Terra. Então propuseram ao menino um novo trato:

- Em negócios, quando não se respeita o combinado, é preciso que haja uma compensação. Para isso, pedimos que a Terra não suje o Universo, que seja um lugar tão bonito como sempre foi, e isso depende só de vocês.

- Nós aceitamos o trato de vocês e nos comprometemos a honrar a Terra, respondeu o menino, com o apoio de todos os humanos e também de seu pai.

Os gigantes partiram. As naves nunca chegaram e o filho do homem de negócios cresceu e foi muito respeitado por seus grandes argumentos para cuidar da Terra.

Princípio 8: Vamos progredir no estudo da sustentabilidade ecológica e compartilhar generosamente o conhecimento adquirido, sobretudo, aos que mais o necessitem.

O laboratório das flores

As crianças desejavam descobrir o segredo da beleza das flores. Oikodoro lhes contou que o azul, o vermelho e o amarelo são os materiais primários no laboratório das flores. Se bem percorremos com a vista as infinitas gamas e cores e pensamos que complexas devem ser as decisões das flores ao escolher suas roupas, podemos visitar uma flor e encontrar em sua simplicidade o segredo da criação, e assim da variada mescla. Oikodoro disse que a sabedoria das flores se encontra em não repetir uma forma ou uma cor. Cada uma tem sua própria idéia de beleza e assim elas enfeitam o horizonte e junto às borboletas participam de um diálogo de artistas. Azul e amarelo formam verde, vermelho e amarelo formam laranja, e azul e vermelho formam roxo. Assim começa a combinação sem fim, que diverte as flores e os nossos olhos. Mais amarelo que vermelho, pois será um laranja suave; mais vermelho que azul será um roxo mais intenso, mais azul que amarelo, dará um verde mais escuro. E acaba muito interessante se as flores decidem misturar as três cores: amarelo, azul e vermelho.

Uma vez, conta Oikodoro, da chaminé fedida de uma fábrica escapou uma amargurada nuvem que, cobrindo o céu, começou a zombar invejosa das cores das flores.

- Que sem sentido! Reclamava ciumenta. Todas essas flores diferentes e tão pequenas!

A nuvem produziu uma sombria tempestade sobre as flores, e em sua maldade se dispersou. As flores se tornaram todas pesadas, sem brilho ou cor e sua beleza se perdeu. O laboratório estava quase destruído e as cores se haviam diluído. As flores estavam desoladas. Mais tarde umas nuvens de fina chuva banharam as flores com água cristalina. Porém, as flores já não brilhavam como antes. Como elas haviam sido maltratadas, suas cores já não reluziam.

Então a natureza voltou a oferecer sua beleza. Junto ao sol, o arco íris vestiu o céu e salpicou a terra com suas sete cores. As flores puderam saciar de tintas e cores seu laboratório, e retornaram às suas próprias cores, com idêntica beleza.

Com a ajuda de Oikodoro as crianças construíram também um laboratório de cores, que serviu para a arte e a imaginação, e convidaram todos a participar e desfrutar da sabedoria da natureza.

III. VAMOS TODOS VIVER COM JUSTIÇA, REPARTINDO DA MELHOR MANEIRA O QUE TEMOS

Princípio 9: Nós nos comprometemos a socorrer os pobres, para que deixem de ser pobres. E para isso, os ajudaremos a usufruir de água potável, ar limpo, comida, moradia, assim como também de escolas e outras instituições. Auxiliaremos também todos os que sofrem, para que alcancem sua felicidade.

O concerto no parque

Oikodoro conta que houve um tempo distante em que a guerra havia empobrecido a cidade, e por isso todos eram pobres. Ele ajudou a reconstruir o parque e o colégio para as crianças, pois elas haviam deixado de brincar pela crueldade da guerra e da pobreza. Aquelas crianças voltaram à escola e à praça para compartilhar os brinquedos. E assim voltaram também seus sonhos e fantasias. Aprenderam a ler e a escrever ganhando um horizonte rico que ninguém arrebataria, nem mesmo a pobreza, e perceberam também que brincar era um direito de todas as crianças.

Para as crianças era muito importante a aula de música da escola. Ali todos sonhavam em ser grandes músicos e acompanhavam o violino até suas últimas conseqüências; vibravam junto aos tons coloridos da flauta, seguiam sem parar o piano, tão belo como sonoro. Cada qual tratava de descobrir em si mesmo a música que sua boca e o resto do corpo lhes ofereciam.

Um dia formando uma orquestra sem instrumentos, e com a partitura na memória, chegaram ao parque. Acreditava-se que no parque havia se escondido da guerra um mago musical muito talentoso, que só pelas noites aparecia para vestir de cores e sons as árvores e os brinquedos. Ninguém o havia visto, porém, muitos notívagos haviam escutado uma música belíssima. Aquele dia foi muito especial para todos. As crianças foram aos brinquedos que Oikodoro havia construído e cantarolaram o concerto que haviam escutado. Uma menina

balançou a gangorra, lembrando em seu ruído o clamor da flauta. Um menino procurou a escala do-ré-mi, mergulhando no escorregador. Várias crianças se balançavam sobre as redes, que vibravam como finos violinos. Finalmente juntos encontraram a melodia do piano na roda do gira-gira.

- E quem não sabe ver nos olhos das crianças seus desejos! Exclamou Oikodoro.

Os pássaros que vivem na praça, que reconheciam no cantarolar das crianças as grandes obras musicais, desfrutavam a frescura da arte vivida pela primeira vez através das crianças. E foi assim que aquele dia, em plena luz do dia, os pássaros foram chamar o mago. Para surpresa e felicidade das crianças, um grande concerto invadiu a praça, onde cada um dos brinquedos: a rede, o escorregador, a gangorra e o gira-gira se tornaram instrumentos musicais. Os pássaros agitavam sem cessar suas asas aplaudindo o espetáculo virtuoso. Várias das crianças sonharam em tocar brevemente em um concerto na praça e para isso construíram junto com Oikodoro um cenário próximo aos brinquedos.

A paz voltou a reinar e a pobreza se dissipou. A música fez da cidade muito famosa. E esse dia ficou na lembrança, em que ninguém viu o mago, mas todos escutaram o memorável concerto no parque.

Princípio 10: Vamos garantir que todos os negócios sejam feitos com justiça, honestidade e correção. Particularmente, deve-se levar em consideração o meio ambiente, a proteção dos trabalhadores e o futuro da Terra. Também ajudaremos as comunidades mais pobres e endividadas.

A árvore, os comerciantes e as crianças

O bosque tem uma árvore de saborosos frutos, que tanto é cuidada por suas flores, como por suas frutas e sua frondosa sombra. Oikodoro conta, que faz um tempo, três crianças amigas amavam muito a árvore e desfrutavam de sua bondade. Uma das crianças recolheu algumas de suas flores para decorar a escola da cidade. Mais tarde outra criança recolheu suas cerejas que foram dadas durante a festa da cidade. E logo no inverno a outra criança recolheu seus ramos secos e fez uma fogueira no parque para dar calor aos visitantes.

Com ambição desmedida três comerciantes, ao observar as crianças, decidiram fazer um grande negócio. O primeiro arrancou todas as flores da árvore e as vendeu no mercado. O segundo todas as cerejas e o terceiro todos os seus ramos. Tal foi sua voracidade, que haviam proibido as crianças de aproximarem-se da árvore, e cada flor, cereja ou ramo que brotava da árvore era cortada em seguida. E tal foi o maltrato dos três comerciantes que no ano seguinte a árvore estava quase seca. Os comerciantes brigavam, acusando uns aos outros de haverem destruído a árvore, e foram embora muito ofendidos. As três crianças voltaram juntas à árvore. A primeira criança a enfeitou com fitas coloridas, lembrando a beleza de suas flores; a outra criança a regou, recordando o alimento de seus frutos; e a última criança a protegeu com umas mantas durante os dias mais frios do inverno, lembrando o calor de seus ramos. A árvore foi salva e os habitantes do lugar decidiram que as crianças protegeriam a árvore, e que ninguém mais comercializaria seus bens.

(livro de inspiração: The Giving Tree de Shel Silverstein)

Princípio 11: Vamos tornar realidade que os homens e as mulheres sejam tratados como iguais, pois sabemos que nenhum dos dois é melhor ou pior que o outro. Muitas vezes, as mulheres e as meninas são maltratadas. Devemos nos comprometer para que elas desfrutem de todos os direitos; como ir à escola, ser artistas ou governantes. Vamos proclamar que o amor seja o centro de todas as famílias.

A igualdade das duendas

Faz muito tempo, recorda Oikodoro, as duendas não eram valorizadas como mereciam. Seus maravilhosos trabalhos e cuidados eram pouco apreciados. Elas não tinham direito de decidir, mas eram obrigadas a obedecer ao que os homens desejavam. Até que um dia houve uma guerra muito violenta entre os homens. Eles decidiram também que as mulheres tinham que participar da guerra. Mas elas se esconderam todas juntas, e esconderam também seus filhos, pois temiam por eles. Os homens se zangaram com as mulheres e continuaram sua luta.

Em pouco tempo, suas roupas estavam todas rasgadas, tinham fome e descobriram, também, que sentiam falta das mulheres e das crianças. Enquanto isso, as mulheres começaram a construir uma cidade tão sólida como nunca se havia visto antes, muito bela e cuidada, e escreveram uma lei de paz, justiça e solidariedade que nunca deveria ser quebrada por quem quisesse viver nessa cidade. Cada dia a cidade se embelezava e elas rapidamente se adaptaram a situação nova.

Na cidade velha, já nada restava em pé, apenas duendes feridos e cansados, que nada tinham para comer. Estavam tão esgotados que quase esqueceram-se qual havia sido o motivo da guerra. A guerra havia iniciado por que uns queriam embelezar a cidade pintando-a de branco e outras cores, mas já não tinha nenhum ladrilho para pintar. A guerra havia perdido seu sentido. Por isso, resolveram que juntos iriam interrogar as mulheres, pois elas, talvez, tivessem sido as culpadas pela guerra.

Não tiveram que caminhar muito e encontraram a nova cidade. Em seguida, resolveram que tinham que pintá-la de outra cor, e ali começaria um novo conflito. Mas as mulheres, advertidas pelo que havia acontecido, lhes entregaram a lei e os convidaram a abandonar a cidade e refletir sobre a lei. Os homens já não entendiam nada, mas lhes era claro que essa cidade era muito melhor que a anterior, e agora a única. A lei era clara, falava de respeito, igualdade e justiça, e sabiam que sua vida seria muito melhor dentro da nova cidade. Transcorridos alguns anos, ninguém já recordava esses antigos costumes e todos estavam muito agradecidos às damas que haviam fundado a cidade.

Princípio 12: Vamos respeitar a todos igualmente, sem que ninguém seja maltratado. Somos todos diferentes, por nossa própria identidade de cor, nossa língua, religião ou maneira de pensar, mas todos nós merecemos idêntico respeito. Por isso, também ajudaremos que se respeitem os povos indígenas e as minorias. Confiaremos nos jovens, os quais apoiaremos a alcançar um futuro melhor.

Os duendes diferentes e os animais

Conta Oikodoro que quatro duendes estavam muito tristes, pois se sentiam diferentes. Um era menor, o outro por ser mais alto, outro por ter uma cor diferente e o último por sentir-se feio. Quando um duende está entristecido se recomenda que de um passeio pelo bosque para encontrar na sabedoria da natureza uma solução para o problema.

Foi assim que o primeiro dos duendes se encontrou com um coelho que lhe perguntou:

- Por que você está triste, pequeno duende?
- Por não ser grande como os outros duendes, e assim poder alcançar melhor todas as coisas? Respondeu o primeiro duende.
- Eu também sou pequeno - respondeu o coelho - mas como dou grandes saltos também alcanço com facilidade o que necessito. Já pulou alguma vez?
- Nunca havia pensado nisso, disse o duende surpreso.
- Ser pequeno ou ser grande não faz diferença, quando a gente sabe aproveitar as boas virtudes, disse o coelho.
- Obrigado, coelho. Seguirei seu conselho - e o primeiro duende foi embora contente.

Logo um cavalo se aproximou do duende grande, e lhe perguntou:

- Estimado duende grande, porque você está tão cabisbaixo?

- Por ser maior que os demais duendes, e ter dificuldades para ver de perto as coisas, respondeu o segundo duende.

- Eu também sou um tanto elevado, mas é justamente por isso que posso ver melhor e desfrutar da paisagem, além disso, antecipo melhor os problemas. Se você souber aproveitar do seu tamanho, todos os outros duendes lhe serão agradecidos, lhe sugeriu o cavalo.

- Eu também estou agradecido a você pelo conselho, disse o duende.

Mais tarde se aproximaram do duende mais colorido um pavão e um pato que vinham conversando amistosamente, e lhe perguntaram:

- Que aconteceu com você duende colorido?

- Me sinto diferente, e desejaria ter uma cor mais suave, como os demais duendes.

- Nós desfrutamos de nossas cores, e os demais também desfrutaram. Presenteamos algumas de nossas plumas para enfeitar as outras aves, e elas, por outro lado, podem nos socorrer, pois nos identificam rapidamente, lhe comentaram as aves.

- Muito obrigado por sua defesa às cores. Eu acho que também aprenderei que minha cor tem sua própria beleza, disse agradecido o duende.

- As cores também nos tem unido em amizade, disseram o pavão e o pato.

Por último um canguru chegou até o duende que se achava feio e lhe perguntou:

- Por que não se pode ver seu rosto, duende escondido?

- Porque não sou belo como os demais duendes, respondeu o quarto duende.

- Eu também acho que não sou belo, confessou o canguru, com um rabo tão comprido, umas orelhas tão grandes e uma bolsa tão grossa.

- O que você está dizendo? Nunca diria que um canguru é feio! O seu rabo evita que você caia. Nós não temos seu belo equilíbrio. Suas orelhas lhe permitem

escutar melhor os sons e sua bolsa é uma maravilha de cuidados! Exclamou o duende.

- Acho que você tem razão. Na verdade, me convenci da minha própria beleza. Mas também estou convencido da sua própria beleza, que soube encontrar a beleza nos demais, lhe garantiu o canguru.

- Obrigado por sua bela mensagem, canguru, disse o duende.

E foi assim que os quatro duendes voltaram do passeio e foram muito felizes e queridos, sendo eles como eram e dando o melhor de si.

IV. VAMOS VIVER COM DEMOCRACIA, SEM USAR VIOLÊNCIA E EM PAZ

Princípio 13: Vamos procurar que nossas decisões sejam participativas, honestas, responsáveis e sempre justas. Para isso, vamos dialogar livremente, buscar as melhores soluções e cuidar de todas as pessoas.

A pedra da amizade

Uns amigos que passeavam pelo bosque descobriram uma pedra tão valiosa como pesada e decidiram levá-la com eles. Quem era mais forte conseguiu levantá-la, quem era mais criativo inventou uma carroça para transportá-la, quem era mais ágil a transportou e o mais cuidadoso protegeu-a durante o caminho. Quando chegaram não houve acordo do que fazer com ela, pois cada um queria ter a razão. As discussões não tinham fim e a amizade parecia não existir mais. A pedra ficou abandonada no meio da cidade. Todos achavam a pedra muito bonita, mas tornou-se um incomodo muito grande tê-la deixado no meio da rua e os habitantes da cidade pediram a ajuda de Oikodoro. Oikodoro chamou os amigos, que por causa da discórdia, não dialogavam mais. Ele lhes ensinou que a pedra ali colocada não tinha muito valor e que a amizade perdida, sim, era de grande valor. Pedras como aquela Oikodoro havia visto muitas vezes, mas amizade, disse, é algo único. Oikodoro lhes mostrou que a pedra pertencia à amizade, pois pela amizade haviam visitado o bosque e por ela haviam conseguido trazer a pedra todos juntos. Mas como a amizade havia se quebrado, a pedra devia retornar à harmonia do bosque. Os amigos pediram a Oikodoro lhes ajudar a recuperar a amizade, pois descobriram que a amizade tem o valor de incontáveis pedras. E como Oikodoro viu que a harmonia voltou a reinar entre eles, lhes convidou a conservar a pedra. É por isso que no parque se encontra uma pedra como símbolo da amizade duradoura.

Princípio 14: Nós vamos nos educar, ao longo de nossas vidas, para cuidar da Terra e de seu futuro com os nossos conhecimentos, valores e capacidades. Particularmente, para as crianças e os jovens as portas do saber estarão bem abertas. As artes, as letras, as ciências e os meios de comunicação contribuirão para que todos nós vivamos corretamente.

O lápis maravilhoso

Como todos os duendes, Oikodoro se desperta ao amanhecer e dedica as primeiras horas do dia à leitura de seus originais livros. As crianças estão convencidas que por isso Oikodoro sabe tanto sobre a Terra e tudo o que existe sobre ela. Uma vez as crianças pediram para acompanhar Oikodoro durante um dia todo, para que ele compartilhasse com elas a sabedoria dos livros. Oikodoro os convidou para a sua biblioteca e juntos leram alguns capítulos do livro “Duende da Natureza” e fizeram anotações com um lápis que Oikodoro havia recebido de um mago. Os duendes estão convencidos que os objetos que mais valorizam devem também ser compartilhados. Logo após a apaixonante leitura Oikodoro pegou o lápis e os convidou a dar um passeio pelo bosque. Durante o passeio o duende fez uma roda com as crianças e colocou o lápis mágico no meio, que cheio de brilho e de cores, desenhou no ar o livro da natureza e foram de desprendendo suas sábias folhas. O livro começou a mover suas folhas e no ar o lápis dançou sua melodia. Dessa dança nasceu um pássaro de plumas fabulosas que pegou o lápis com seu bico. O lápis espalhou no vôo da ave sementes maravilhosas que, ao chegar à terra, se transformavam em flores muito bonitas. Junto à última semente caiu o lápis, que uma flor protegeu antes de roçar o chão. Dos imperceptíveis movimentos das flores surgiu uma borboleta multicolor, que com grande esforço fez girar, com suas asas, o lápis sobre a terra, formando um belo pântano. O lápis flutuava na água até que, guiado pela correnteza, desenhou o sol refletido. O sol pegou o lápis com um de seus raios. O sol e as crianças ajudaram o lápis a iluminar o pássaro de plumas fabulosas, as maravilhosas flores, a borboleta multicolor e o pântano. E logo jogaram o lápis ao ar, que foi

dançando entre nuvens coloridas. O mundo é uma galeria mágica, na qual os seres humanos estão convidados a participar, cuidar e aproveitar da criação.

Princípio 15: Vamos tratar todos os seres vivos com respeito e consideração. Para isso, não seremos cruéis com os animais, evitando seu sofrimento.

A ponte de estrelas

As crianças conhecem um gato que de dia brinca com as borboletas e de noite canta com as estrelas. Oikodoro contou um conto que havia escutado fazia algum tempo. “Na beirada de uma selva um gato perseguia cruelmente uma borboleta”. A borboleta voou sobre o rio até chegar a uma ilha. Com a ajuda da correnteza, o gato atravessou o rio sobre uma árvore seca. A borboleta sobrevoou a ilha, dando voltas, e logo se foi. A árvore seca se perdeu na correnteza, e o gato, com medo da água, ficou na ilha.

Alguns dias mais tarde os animais do bosque procuraram o gato, e surpresos descobriam que ele estava na ilha. Para esconder seu medo de água, o gato disse aos seus amigos que queria explorar cuidadosamente a ilha. Eles o escutaram e embora não estivessem convencidos de que o gato havia dito a verdade, foram embora. Constantemente os animais se aproximavam da beirada da selva para perguntar ao gato se ele desejava algo. Mas o gato respondia: “A ilha é maravilhosa. Obrigado, ficarei por mais um tempo”.

O inverno havia chegado, e a água estava muito fria. O gato parecia triste na ilha e seus amigos estavam preocupados. Um dia muito frio de inverno era o aniversário do gato, os animais do bosque haviam feito um grande bolo com uma vela acesa, e o aproximaram ternamente à margem.

- Feliz aniversário, querido gato. Fizemos um bolo, mas a água está quase gelada e não podemos dividi-lo. Festejamos daqui mesmo.

O gato emocionado agradecia da ilha. Ao chegar a noite; a lua e as estrelas começaram a enfeitar o céu, e em meio aos animais o bolo permanecia iluminado. A luz da vela chamou a atenção das estrelas que se perguntavam:

- Que é essa luz ali no bosque? Caiu alguma estrela?

As estrelas do céu começaram a baixar em direção à Terra e se encontraram com os animais reunidos. Eles explicaram o motivo do bolo aceso, que ninguém comia. As estrelas iluminaram o gato, que permanecia desolado na margem da ilha. Então, as estrelas tiveram uma idéia brilhante. De uma em uma, em fila, construíram uma comprida ponte que uniu a selva à ilha. Os animais caminharam pela ponte de estrelas e levaram o bolo lentamente. Os animais deram o bolo ao gato e lhe disseram:

- Pensa um desejo.

Ao assoprar a vela, o gato agradecido, desejou vivamente voltar à selva com seus amigos e prometeu não ser nunca mais cruel com outros animais. Todos juntos comeram o saboroso bolo e festejaram alegremente. Os animais iam partir quando o gato revelou seu desejo:

- Posso partir com vocês?

Os animais, lembrando o medo e o orgulho do gato, exclamaram:

- Sim, vamos todos pela ponte de estrelas e, no futuro, festejaremos juntos!

E é por isso que o gato olha respeitoso às borboletas e acompanha, agradecido, as estrelas na noite.

Princípio 16: Vamos viver com tolerância, sem violência e em paz. Vamos nos tratar com entrosamento, solidariedade e cooperação, tanto dentro de nossa comunidade, como fora dela. Para isso, vamos condenar a violência e a guerra, e promover o desarmamento. Assim, a paz chegará até as estrelas e viveremos em harmonia conosco, os demais e a Terra, a qual pertencemos.

O duelo sobre a lua

Oikodoro conta que não muito longe do bosque os duendes marinhos vivem em duas ilhas e que elas são muito famosas: uma por seu grande porto e a outra por seus pescadores. Uma vez a boa sorte de ambas surpreendentemente estragou a amizade, pois o ciúme e a discórdia se interpuseram entre ambas as ilhas. Seus governantes se desafiaram de tal modo que prepararam um duelo sobre a lua, pois ela, que se aproxima nas noites das ilhas, não representaria risco para as mesmas. A lua, que com muita generosidade iluminava essas ilhas, escutou aquele plano de guerra e entristecida foi esconder-se detrás do sol. Os dias passaram e a lua não aparecia. A maré não subia ao entardecer, e cada dia o mar se retirava mais e mais da costa. Nem os governantes, nem os cientistas encontravam uma explicação ou solução ao problema.

Tanta foi a má sorte de ambas as ilhas, que o porto ficou sem água para os barcos, e os pescadores sem peixes. A preocupação uniu tanto os habitantes das ilhas que eles voltaram a compartilhar, como era seu costume, o que lhes restava. Os habitantes se lamentavam pela competição e pela idéia do duelo sobre a lua. Os duendes transmitiram a mensagem à lua de que a paz reinava verdadeiramente sobre as ilhas, mas a lua estava tão fraca e o mar tão distante, que a água não retornava. O sol resolveu ajudar a lua a aproximar o mar da praia e com umas cordas mágicas amarrou seus raios às ondas do mar e junto com a força natural da lua o mar voltou às ilhas e a paz foi selada para sempre, tendo a nobre lua por testemunha.

VAMOS AVANÇAR JUNTOS:

Todos juntos nos comprometemos, do fundo de nossos corações, a tornar realidade estes princípios em todas as nossas atividades. Vamos honrar e festejar com alegria o presente da vida.

A amizade de Oikodoro e Kosmodoro

O grande amigo duende de Oikodoro se chama Kosmodoro, que há alguns anos decidiu partir em direção às estrelas para fazer amigos e convidá-los a visitar a Terra. Kosmodoro e Oikodoro construíram, assim, uma nave espacial alimentada por energia estelar e solar. Com essa energia eles também podem enviar mensagens. Eles têm uma linguagem de sinais, que é transmitida através de sinais de luzes sobre as estrelas. Muito preocupado Oikodoro lê às crianças a última mensagem de Kosmodoro que diz assim:

- Meu querido Oikodoro, onde está nossa casa, onde se encontra a Terra? Não consigo ver a esfera verde azulada. Estou longe? Aconteceu alguma coisa com vocês? A nave envelheceu e eu tenho saudades da Terra e de vocês. Ajuda-me a voltar.

Pela primeira vez, Oikodoro chorou na frente das crianças. Seu grande amigo de infância não pode ser ajudado. A Terra ficou opaca, uma nuvem cinza a ocultou e a luz de Oikodoro, para transmitir mensagens, não consegue atravessar a nuvem. As crianças estavam muito comovidas, mas haviam aprendido com Oikodoro que nenhuma tarefa é impossível quando há amor, compaixão e entendimento. Uma criança contou que sua avó disse que os sonhos para o futuro são como cristais coloridos que iluminam o bom caminho. Outra criança disse que quando todos juntam seus sonhos estes chegam às estrelas e elas os refletem sobre a Terra. Outra criança comentou que quando se cuida dos sonhos e os alimentam com ações, eles se fortalecem tanto que navegam pelos ares enchendo de cores o céu. As crianças decidiram sonhar com uma Terra cuidada e respeitada para novamente unir Oikodoro e Kosmodoro. Foi tanto o esforço posto que o céu se encheu de luz e cores. A

nuvem cinza sobre a Terra se encheu de buracos e como um tecido velho, ficou em trapos. Oikodoro estava emocionado por essa honra que as crianças faziam a seu amigo viajante e sorria agradecido. Seu sorriso tornou-se gargalhada quando uma luz leve, tênue, mas permanente, chegava aos olhos de Oikodoro.

- É Kosmodoro que nos saúda! Ele viu o sinal de vocês e encontrou o caminho. A Terra volta a reluzir ante seus olhos, e ante os olhos do universo, exclamou Oikodoro e todas as crianças aguardaram o retorno de Kosmodoro.

Nota da autora:

Todos os comentários e sugestões são bem-vindos.

Agradeço antecipadamente.

Estes contos procuram ilustrar a Carta da Terra. Aqui se apresenta uma versão não oficial para crianças. A versão completa e oficial da Carta da Terra se encontra em www.earthcharter.org

MC. Patricia Morales

Fone: 32 2 657 1729

Fax: 32 2 657 7717

morales@skynet.be

Jean Baptist Denayer 34

B-1560 Hoeilaart, Belgica

Fone: 54114 782 4939

Mendoza 2517 9A

(1428) Buenos Aires, Argentina

Tradução: **Maria Beatris Marinho Mauad Leis**

Fone: 0055 (15) 3233-9784

Sorocaba, SP - Brasil

mauadleis@terra.com.br

Revisão: **Maria Cláudia Marinho Mauad Ferreira**

Fone: 0055 (14) 3845-2250

Conchas, SP - Brasil

cauamaud@yahoo.com.br